

FONTES PRIMÁRIAS

Recebido em 5 de janeiro de 2021
Aprovado em 8 de fevereiro de 2021

Escritos do século XVIII: carta de comércio de 1798

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i1.40033>

Juliana Cristina Vasconcellos Garcia

Possui graduação em Licenciatura em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente é mestranda em Língua Portuguesa pelo programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas pela mesma instituição.

E-mail: julianas.garcia@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6967-7034>

RESUMO

O documento apresentado nesta edição é uma carta comercial que faz parte do acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL). Trata-se de material não literário, um manuscrito autógrafa da esfera particular, datado de 1798, em que um comerciante se comunica com seu chefe, um importante nome das Casas de comércio na Europa. A temática envolve prestações de contas sobre os negócios e mercadorias, além de relatos sobre as vivências do porto, lançando luz sobre alguns aspectos da dinâmica da sociedade colonial brasileira dos fins do século XVIII e permitindo pistas sobre a língua em uso naquele período sociohistórico.

Palavras-chave: Cartas de comércio. Edição. Manuscrito. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Apresentação

O manuscrito apresentado nesta edição faz parte de um conjunto de missivas enviadas do Brasil por mercadores portugueses para um mesmo destinatário, o português Antônio Esteves Costa (AEC) na fase final do Brasil colônia. O acesso a essa fonte primária se deu por meio de Barbosa (1999), que acessou a seção de “Reservados” da Biblioteca Nacional de Lisboa e catalogou cerca de 470 cartas comerciais reunidas na caixa de manuscritos número 224. Destas, cerca de duzentas cartas foram editadas: as escritas no Brasil foram editadas por Barbosa (1999) e as escritas na Europa por Palladino Netto (2009), ambos para suas pesquisas de doutorado.

Os assuntos das cartas, em geral, variam entre temáticas mais ou menos prosaicas, associadas aos enfrentamentos dos problemas relativos à atividade mercantil ou à rotina no porto, e temas mais burocráticos, da rotina administrativa da Casa de Comércio a que pertencem os mercadores, como prestações de contas e negociações de produtos. No documento aqui editado, José dos Santos explica sobre os motivos de seu chefe não ter recebido as cartas remetidas por ele, informa sobre carregamentos e notas que estão sendo remetidas, faz recomendações sobre as mercadorias que possuem maior saída de vendas, além de fazer queixas sobre o irmão do chefe e explicar sobre problemas e eventualidades nas transações.

Barbosa (1999) demonstrou que os documentos, nesse contexto histórico, são melhores identificados levando-se em consideração o modo de circulação dos textos e propõe a divisão entre documentos de circulação oficial, que são os da administração pública ou atrelados a estruturas de poder, e os de circulação privada, que incluem os documentos particulares e também os da administração privada. É a esta última que o texto aqui editado pertence, pois um dos correspondentes, o meganegociante Antonio Esteves Costa, possui a condição de pessoa jurídica, representando uma empresa.

Apesar de serem manuscritos autógrafos, ou seja, que possuem assinatura do autor, não se tem maiores informações sobre quem seriam esses homens que escreviam as cartas, mas estudos de Barbosa (1999) apontaram que, segundo o conceito de mãos inábeis de Marquilhas (2000), trata-se de redatores que não se encaixam em nenhum dos extremos de um *continuum* de habilidade, mas são identificados como *pouco* hábeis, de modo que não são profissionais da escrita e nem totalmente inábeis.

Nesse sentido, esse material pode contribuir tanto para um estudo historiográfico sobre as atividades comerciais do século XVIII quanto para se pensar uma linguística histórica, ou mesmo a relação entre as duas, como já vem sendo feito com esses documentos, pois, segundo Barbosa (1999, p.

132), na ausência de material oral referente aos Setecentos, as cartas de comércio têm se revelado textos mais transparentes a refletir traços de oralidade, utilizados para observar aspectos de uma escrita possivelmente menos monitorada:

[...] o conjunto de cartas reúne um precioso acervo da prosa não-literária em Língua Portuguesa Clássica, construído sob condições particularmente favoráveis à formação de um *corpus*, se não homogêneo em relação às circunstâncias de produção, e fidedigno à escrita distensa de seus autores, pelo menos o mais próximo possível dessas qualidades imprescindíveis para o estudo comparativo entre modalidades dentro da modalidade escrita de uma dada língua.

Normas técnicas de transcrição e edição utilizadas

Para esta edição utilizamos as *Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos*, aprovadas durante o II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica e de Ensino de Paleografia, em 1993, e que estão disponíveis em Berwanger e Leal (2008), na obra *Noções de Paleografia e de Diplomática*.

- (1) A transcrição seguirá o modelo de translineação, com numeração sequencial de cinco em cinco até o final do documento e colocada à margem esquerda;
- (2) Foram separadas as palavras grafadas unidas indevidamente e unidas as sílabas ou letras grafadas separadamente, mas de forma indevida. Excetuam-se as uniões dos pronomes proclíticos (madê, selhedê), mesoclíticos e enclíticos às formas verbais de que dependem (meteremselhe, procurase);
- (3) As abreviaturas não correntes foram desenvolvidas com os acréscimos em grifo e as ainda usuais na atualidade, ou de fácil reconhecimento, foram mantidas;
- (4) Quando a leitura paleográfica de uma palavra foi duvidosa, colocou-se uma interrogação entre colchetes depois da mesma: [?];
- (5) A acentuação, pontuação, maiúsculas e minúsculas e a ortografia se mantiveram conforme o original;
- (6) As palavras que se apresentam parcial ou totalmente ilegíveis, mas cujo sentido textual permita a sua reconstituição, serão impressas entre colchetes;
- (7) As palavras ilegíveis para o transcritor foram indicadas com a palavra *ilegível* entre colchetes e grifada: [*ilegível*];

- (8) As letras ou palavras corroídas por razões técnicas foram indicadas entre colchetes pela palavra *corroído* em grifos [*corroído*];
- (9) As notas de mão alheia foram transcritas em rodapé;
- (10) As assinaturas em raso ou rubricas foram transcritas em grifo;
- (11) Os selos, sinetes, lacres, chancelas, estampilhas, papéis selados e desenhos foram indicados de acordo com a sua natureza entre colchetes e grifado;
- (12) Espaços maiores foram marcados com [espaço];
- (13) Foi respeitada a divisão paragrafíca do original.

Edição do texto

Sr. Antonio Esteves Costa

1

² [selo]

Maranhaõ, 2 de Janeiro de 1798

3

Tenho perzente a sua vinda pelo Comboio o qual serecolheo neste em 15 de Outubro do anno perterrito, e nella vejo *vossa mercê* sequixar de não ter recebido cartas *minhas*; porquanto ja estiveraõ ciente da tomada dos Navios aonde hiaõ as primeiras; pois já o avezei, e se neste naõ

5 recebeo alguma, razão tive de nelle a naõ deitar, *que* talvez alguma *vossa mercê* não tenha recebido em razão do Sr. Joaõ Vicente ser coriozo pois tem dado provas disso e eu não tenho culpa, e sertamente em mim não havia de entrar semelhante porcidimento. [espaço] [espaço] [espaço] Nesta occaziaõ Re mete o Sr. Euzebio o Cesto do porduto da Carregaçaõ *que* veio na Emilia,

10 e juntamente a conta de venda do *que* veio no Comboio do *que* athe o pezente tenho cumprido com as suas ordens; *que* estimarei aprove *a minha* administrações

Ja o avizei a *vossa mercê* tanto por Londres, como pelo Pará da impordencia *que* seu Irmaõ teve comigo em o dia 10 de Agosto do mesmo por concelhos dos 3[?] estados, *que* he Avelinsro[?], e outros, e *para* isto esperaraõ *que* sahisem os Na- vios *para* não avizar logo, *que* naõ sei se elle avizou a *vossa mercê* antes de me- fazer o despedimento em razaõ de se não encontrar ambos a dizer; *que* es- pero *que* nessa o façaõ ciente sem *que* seja percizo *a minha* intimaçaõ:

Disse *que* não queria em caza pessoa *que* naõ estivesse as ordens delle. e como eu estava as de *vossa mercê* *para* memandar nego[cios?] recomendados; *que*

20 neste cazo *vossa mercê* *que* governava nessa, e elle nesta *para* memandar *por* cujo fim; *que* procurasse *minha* vida; porem offereceome a caza enquanto menaõ [corroído]umava porquanto estou asentindo[?] a parte esperando as suas ordens, e *por* fim declarouse *que* eu era hum espia *que* *vossa mercê* tinha mandado em

ti-

[2ª pág.]

25 [ilegível] de Caixeiro; com *que* por mais *que* o quisesse capacitar [?] *que* tal coiza naõ havia, naõ mefoi pocivel, e *que* *vossa mercê* nessa tinha dito infinitas coizas a este respeito. [ilegível] [espaço] [espaço] [espaço] Eu como percizado de algum dinheiro, tomei a confiança de Sacar sobre *vossa mercê* nesta occazião huma Letrazinha de Réis 120\$ a 30 dias vista a favor de meu

30 Irmaõ, pela qual espero *que* me honrre a minha firma, e no seu vencimento lhe fará prompto pagamento. [espaço] [espaço] Incluzo tem *vossa mercê* a Receita na qual verá os generos *que* nesta tem prompta sahida; porem [?] *vossa mercê* enquanto durar a guerra não memande senão comestives, e molhados; porem o artigo de beber sempre seja a maior quan- tidade, e *para* o futuro hirá mandando os outros bem sortidos, e *quando*

35 comprar Bahus sejaõ dos de Mascabia; pois estes sempre se vende

¹ Referência ao número da caixa em que se encontra o manuscrito na BNL, seguida do número da carta (C.224 420);

² Selo com conteúdo interno ilegível, podendo ser da própria carta, mas provavelmente trata-se de carimbo da BNL;

³ Código de referência do documento (R.e. 137994)

com ganho, e os outros ficam impatados, por cujo fim dalhe a trassa e perdem-se.

Desejo lhe tenha saúde e felicidades, e eu mostrolhe o quanto sou

De vossa mercê
Sincero amigo

Jozé dos Santos Henriques Castella [*ilegível*]

Post scriptum:

Precos dos Efeitos a saber

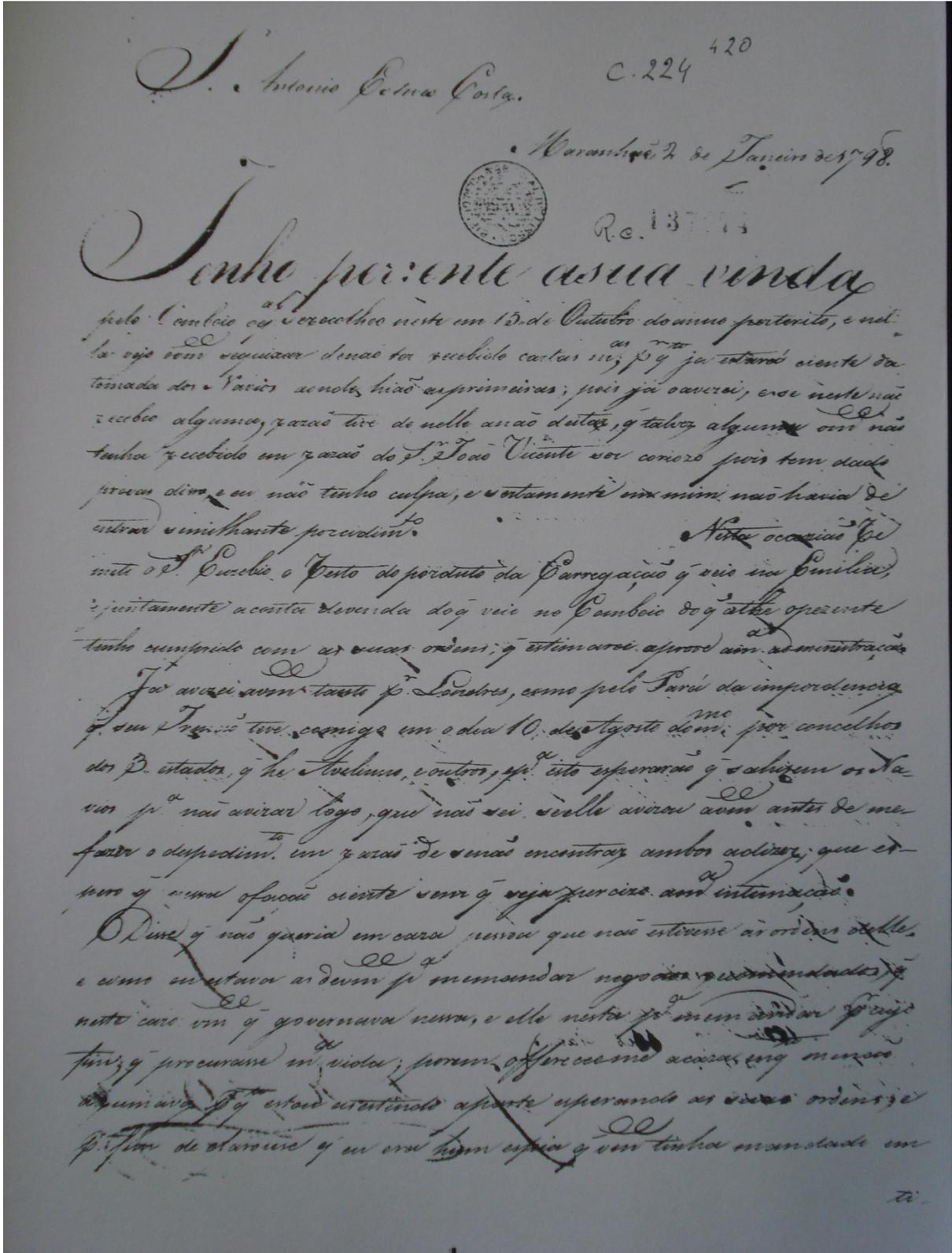
Água ardente a 120\$ e agora a 145\$

Vinho a [*ilegível*] [*ilegível*] fiado.

Manteiga 480\$.

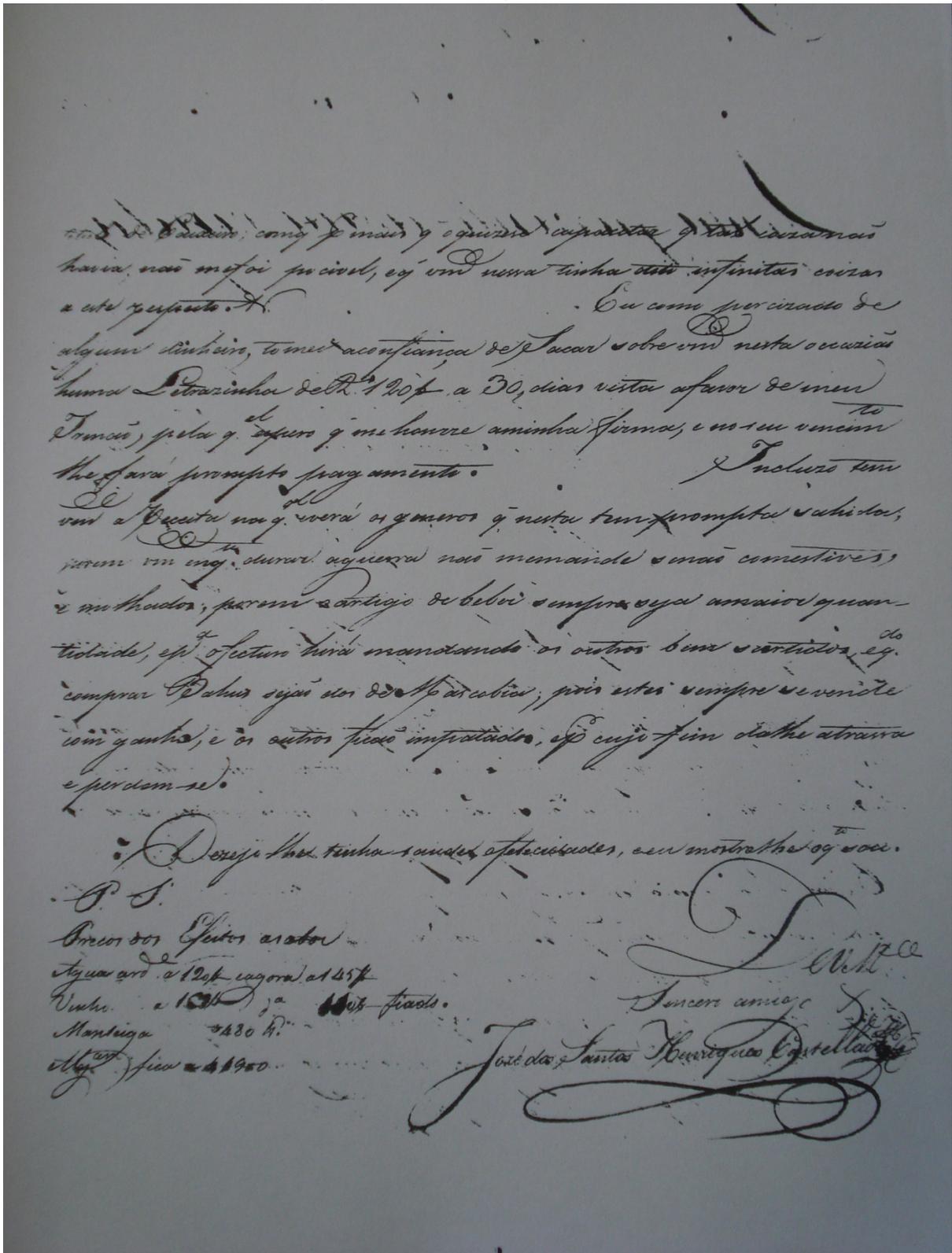
Algodam fica [*ilegível*] 1950

Imagem 1 – Fac-símile, página 1 da carta 420



Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Imagem 2 – Fac-símile, página 2 da carta 420



Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. **Para uma História do Português Colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas : Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1999.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e de diplomática**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- PALLADINO NETTO, L. **Uma edição de cartas de mercadores portugueses do século XVIII e o uso variável do artigo diante do possessivo**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas: Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2009.